



COMO NASCE UMA PRESENÇA?

Apontamentos das intervenções de Davide Prospero e Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2013

Apontamentos das intervenções de Davide Prospero e Julián Carrón na Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL. Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2013.

Razón de vivir
La strada

Vinde Espírito Santo

DAVIDE PROSPERO

Bem-vindos. Digo isto de modo não formal, porque, se viemos, não foi por uma formalidade; ter vindo aqui e a todos os locais da Itália que estão conectados via satélite para participar neste gesto de todo o Movimento é para um juízo. E muitas vezes um gesto dá mais testemunho da verdade do que rios de palavras. Vimos isso até com frequência este ano, em muitos gestos que propusemos, vivemos e dos quais participamos, também de toda a Igreja. E o juízo que nós afirmamos com este gesto é que temos uma certeza: sabemos – esta é a certeza – o que queremos seguir. Por isso estamos aqui. Recomeçar, recomeçar sempre, todos os anos, é o que faz aumentar a certeza e o desejo do destino em quem não quer desistir de caminhar.

“Como viver?”. Escolhemos esta pergunta, a partir dos elementos que resultaram da reflexão sobre os Exercícios da Fraternidade, como tema nas férias e nos encontros que temos vivido. Um título que, na sua simplicidade, abrange a todos, a tal ponto que mesmo quem não faz uma experiência como a nossa, mais cedo ou mais tarde, deve ter-se feito essa pergunta, porque diz respeito a todo e qualquer homem. Apesar da sua simplicidade, representa um desafio extraordinário, porque para responder a essa pergunta não bastam palavras, não respondemos com um discurso ou com explicações que alguém nos dá ou que nós próprios nos damos, mas só vivendo; a resposta a essa pergunta é uma vida.

E é por isso, então, que todos os anos fazemos o esforço de julgar, de tentar julgar o que foi que vivemos no ano anterior, porque queremos crescer olhando, em primeiro lugar, para a nossa experiência. Desta vez, vem em nossa ajuda a carta extraordinária que o Papa Francisco escreveu a Scalfari, publicada no *La Repubblica*, em resposta às suas perguntas. Sem qualquer presunção, apenas com imensa gratidão, creio que todos nos sentimos confortados pelas palavras do Papa, até repensando no percurso feito nestes anos. Escreve o Papa: “Para quem vive a fé cristã, isto não significa fuga do mundo nem vontade

de qualquer hegemonia, mas serviço ao homem, ao homem todo e a todos os homens, a partir das periferias da história e mantendo desperto o sentido da esperança que impele a realizar o bem em todas as circunstâncias e com o olhar sempre fixo no além” (Francisco, “Carta a quem não crê”, *La Repubblica*, 11 de setembro de 2013, p. 2).

Pensemos no que significam para nós estas palavras após as opções que fizemos este ano ao abordar, por exemplo, as eleições nacionais ao mesmo tempo que as da Região da Lombardia, onde, depois da aventura formigoniana [refere-se ao tempo de governo de Roberto Formigoni como presidente da Região da Lombardia, na Itália], estávamos mais especialmente no centro das atenções. Na confusão geral desse tempo, em que todos os dias nasciam e morriam propostas de partidos, coligações e facções, a coisa para mim mais interessante foi que, quando nos encontrávamos para entender como encarar o que ia acontecendo, nós não nos contentamos com tentar alinhar pelo mal menor (recordamo-lo bem), mas aproveitamos a oportunidade para dizer: o que é que verdadeiramente, numa situação assim, interessa-nos mais? Qual é o coração da nossa vida? Para repetir a frase de Dom Giussani sempre citada entre nós: o que é que nós temos de mais caro para nós e para todos, para dizer a todos (e portanto também publicamente)? Essa foi a pergunta que nos fizemos perante a situação que se criara e sobre isto aceitamos verificar a nossa maturidade. Devo dizer que nesta verificação o caminho destes anos foi claramente o fator determinante, porque o juízo que se formou, e que depois – como estarão lembrados – foi publicado também numa *Nota de CL sobre a situação política e em vista dos próximos atos eleitorais* (2 de janeiro de 2013), foi que a única coisa que realmente temos a defender, a que não podemos renunciar, é a experiência que fazemos por aquilo que encontramos, e que a verificação de que isto é verdade é se é capaz de gerar uma presença original, testemunha da novidade que Cristo introduz na vida, um novo agente dentro da sociedade, em qualquer âmbito, até na política, e que isso se deve poder ver, também, numa situação confusa (como dizia o Papa: “Não [...] fuga do mundo nem vontade de qualquer hegemonia!”).

O caso da renúncia do Papa Bento XVI, algumas semanas mais tarde, colocou-nos perante o

exemplo deste homem novo: porque quando o mundo inteiro viu sair pelas portas do Vaticano aquele homem, com todos ao seu redor chorando, e ele com um ar seguro, feliz, aquilo foi para todos como um pico de consciência da estatura humana a que somos chamados: em que consiste a nossa certeza humana? E o que gera como relação com a realidade? Porque ali se compreendeu claramente: diante da aparente derrota, e não em um canto, mas aos olhos de todos (porque para o mundo era uma derrota: já não tinha forças e teve de renunciar), como pode um homem ter aquele rosto? Não dá para disfarçar numa situação destas, sabe-se que todos estão olhando. Como pode um homem ser assim?

Aquilo que cada um de nós procura na vida é sempre uma satisfação, é algo que cumpra realmente, e sem meias medidas, aquilo para que nos sentimos feitos. E muito do mal-estar e da dificuldade que com frequência vivemos nasce precisamente de que, para nós, a satisfação, a realização desta satisfação depende daquilo que nós fazemos, do que nós produzimos e de que isso seja reconhecido pelos outros. Mas perante uma circunstância assim (pensemos também em quantas contradições ou derrotas cada um de nós tem ou é obrigado a enfrentar) é ou não possível uma satisfação plenamente humana? Nós somos feitos para a excepcionalidade, não seguramente para a banalidade, mas o ideal da vida é que a excepcionalidade, ou seja, esta grandeza, possa ser experimentável na normalidade, no quotidiano. Aquilo que satisfaz a vida é uma coisa que é dada, aquilo que satisfaz a vida é a relação viva (viu-se isso no gesto do Papa) com uma presença amada, que é dada, que é já dada, desejada, com “A Presença” amada, porque isso introduz na vida, em qualquer momento da vida, mesmo aos 86 anos, quando um homem parece que fracassou e não há mais tempo, introduz uma espera, uma certeza, um início novo; o que será para mim o amanhã? Se o meu hoje é a relação com essa Presença, então o amanhã é a descoberta, a curiosidade de ver como essa Presença tornará a manifestar-se de novo, a manifestar de novo a Sua vitória.

E isso tem nos acompanhado nesta passagem, a par dos juízos de Carrón, dos juízos que têm surgido entre nós no caminho da nossa companhia durante o ano, em particular por ocasião



Sermão da Montanha.

da Assembleia Nacional de Responsáveis de CL em Pacengo, quando se tornou claro que verdadeiramente para nós o que confere consistência à vida é essa satisfação, graças à qual a certeza não é de alguém que já sabe tudo e depois, no máximo, tem que explicá-la aos outros, mas no fundo para si não espera mais nada, uma certeza – digamos – sabichona, presunçosa; não, a nossa é uma certeza curiosa. É uma certeza na partida, que nos atira sempre em frente. Retomo ainda a carta do Papa Francisco: “Resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que a possuímos nós, é ela que nos abraça e possui. Longe de nos endurecer, a segurança da fé nos coloca em caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos” (*Idem*).

A nossa certeza – isto é, em síntese, o que eu descobri mais precisamente este ano através de tudo aquilo que temos vivido – não é que já sabemos como vai acabar, mas que queremos descobri-lo. Porque a verdade que Cristo introduziu na nossa vida é uma presença, a Sua presença. E isso lança-nos no alto mar. Ainda o Papa: “Eu não falaria – nem mesmo para aqueles que acreditam – de verdade ‘absoluta’ dando ao termo absoluto o sentido daquilo que está desligado, que carece de qualquer relação” (*Idem*). Porém a verdade, e a experiência que fazemos comprova-o, é uma relação. Mas isso não é somente verdade para nós, é verdade para todos, mesmo para quem o nega ou porventura não sabe. Razão pela qual, junto à pergunta inicial – “Como se faz para viver?” – logo surgiu outra: “Qual é a nossa tarefa? O que estamos fazendo no mundo?”. No Meeting de Rímini deste ano, fomos provocados imediatamente, ➤



Comunhão dos Apóstolos.

» no primeiro dia, por esta pergunta no jornal *Corriere della Sera*: queremos nos converter numa facção ou queremos testemunhar uma presença original?

À luz de tudo quanto vivemos, pergunto: o que significa a nossa presença no mundo?

JULIÁN CARRÓN

COMO SE FAZ PARA VIVER?

Quando eu estava preparando os Exercícios dos *Memores Domini*, no mês de julho, aconteceu a Festa de Santa Maria Madalena; a Liturgia propunha dois textos nos quais ficava transparente como a Igreja nos queria introduzir na contemplação desta mulher segundo toda a expectativa e toda a tensão que vivia. O primeiro texto era uma passagem do *Cântico dos Cânticos*, que descreve o que era a vida para uma pessoa como Maria: ‘Em meu leito, durante a noite, procurei o amor da minha alma; procurei-o e não o encontrei. Vou levantar-me, vou rondar pela cidade, pelas ruas, pelas praças, procurando o amor da minha alma. Procurei-o e não encontrei. Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade: Vistes o amor da minha alma?’ (Ct 3,1-3). Ao escutá-lo, disse a mim mesmo: como eu gostaria de ter um pouco dessa paixão! Porque Maria testemunha o coração que cada um de nós desejaria ter no mais profundo do próprio ser, pois o eu de cada um de nós é essa busca de um amor que nos sustente perante os desafios da vida.

Lendo o texto do Evangelho, surpreendeu-me que se pudessem distinguir as duas perguntas que nos tínhamos dado para o trabalho destas férias: “Como se faz para viver?” e “O que estamos fazendo no mundo?”

“No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao túmulo do Senhor.” O que moveu aquela mulher, a ponto de não conseguir ficar na cama e a pôr-se a caminho tão cedo, bem de madrugada, quando

ainda estava escuro? “E viu a pedra retirada do túmulo. Correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, aquele que Jesus amava, e lhes disse: Tiraram do túmulo o Senhor e não sabemos onde O puseram” (Jo 20,1-2).

“E ficou chorando junto do túmulo, do lado de fora [Assim é a vida. Como se faz para viver? Sem encontrar aquela presença, sem encontrar aquela presença amada, o amor da nossa alma, cada manhã é de chorar. Depois podemos nos distrair ao longo do dia, mas a vida continua a ser algo de fazer chorar se cada um de nós não encontrar o amado de sua alma, aquele amor que torna a vida cheia de significado, de intensidade, de calor]. Enquanto chorava, inclinou-se para dentro do túmulo e viu dois anjos vestidos de branco, sentados, um à cabeceira e outro aos pés, onde estivera deitado o Corpo de Jesus. Os anjos perguntaram a Maria: ‘Mulher, por que choras?’ E ela respondeu: ‘Porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o colocaram’. Dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus, ali de pé, sem saber que era Ele. Disse-lhe Jesus: ‘Mulher, por que choras? Quem procuras?’ [Eis o nexa: “Quem procuras?”. Procuo o amado da minha alma, procuro aquela presença que pode preencher a vida, por isso a Igreja nos introduz na contemplação de Madalena com esta passagem do *Cântico dos Cânticos*, que nos fala de uma mulher em busca do amado de sua alma]. Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: ‘Senhor, se foste Tu que O levaste, diz-me onde o colocaste e eu irei buscá-Lo’. Disse-lhe Jesus: ‘Maria?’ Ela se voltou e Lhe respondeu em aramaico: ‘Rabúni!’ – que quer dizer: ‘Mestre!’. Jesus lhe disse: ‘Não me detenhas, pois ainda não subi para junto do Pai. Vai a meus irmãos e dize-lhes: subo para o Meu Pai e Vosso Pai, Meu Deus e Vosso Deus’. Então Maria Madalena foi [imediatamente] anunciar aos discípulos: ‘Vi o Senhor’, e o que Ele lhe tinha dito” (Jo 20,11-18).

Nessa passagem, temos a resposta para as duas perguntas: “Como se faz para viver?” e “O que estamos fazendo no mundo?”. Só respondendo à primeira, “Mulher, por que choras? Quem procuras?”, ou seja, encontrando a presença que procura e que responde ao seu pranto, é que Maria teve alguma coisa para comunicar e para dizer aos outros: “Vi o Senhor”.

É uma grande consolação para cada um de nós que isso tenha acontecido com uma pessoa desconhecida como Maria Madalena, porque nos ajuda a entender que não há nenhuma condição prévia, não é necessário estar à altura de nada, não

é preciso nenhum dote especial para procurá-Lo. Essa busca pode inclusive estar quase escondida no fundo do ser, sob todos os detritos do nosso mal ou do nosso esquecimento, mas nada pode evitá-la, assim como ninguém pode impedir aquela mulher de procurar. Para surpreendermos em nós mesmos essa tensão, não é preciso mais do que aquela “moralidade original”, aquela abertura total, aquela coincidência total conosco mesmos, aquele não distanciamento de si que leva a dizer: “Em meu leito, durante a noite, procurei o amado de minha alma”, “Vistes o amado de minha alma?”. É aquela abertura original que vemos nos outros personagens do Evangelho, pobres coitados como nós, mas a quem ninguém pode impedir de procurá-Lo, como Zaquêu, que sobe na árvore todo curioso para ver Jesus, ou a Samaritana, sedenta e desejosa da única água que pode satisfazer a sua sede. Diante dessas figuras evangélicas não existem alibis: todos eles são uns pobres coitados como nós, mas todos estão firmemente decididos a procurá-Lo, definidos pela busca d’Ele e pela paixão por Ele que desarma todas as nossas preocupações, todas as nossas argumentações moralistas para justificar o nosso não procurá-Lo. Nenhum de nós tem dificuldade para imaginar o que terá sucedido neles quando Jesus, debruçando-Se sobre o seu nada, chamou-os pelo nome. Como terão ficado admirados! Como terá se inflamado ainda mais a paixão por Ele, a vontade de procurá-Lo!

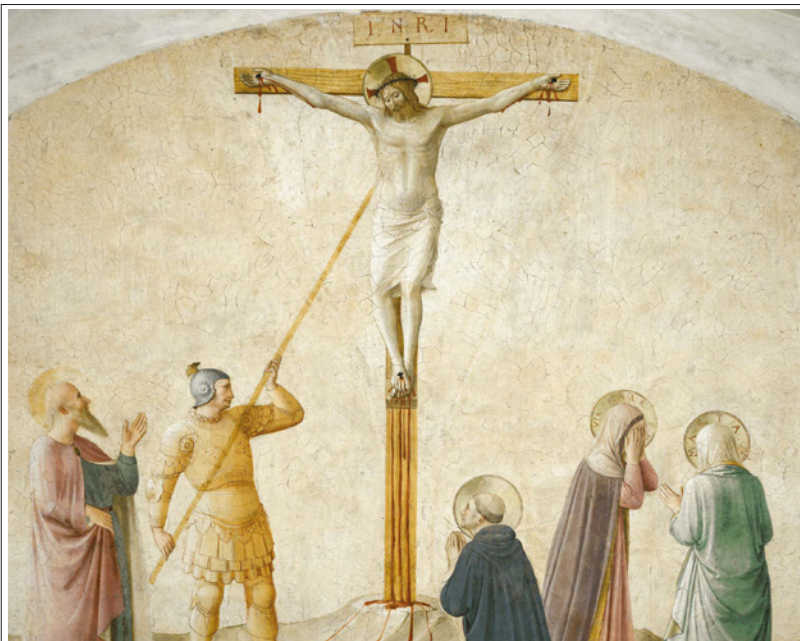
“Maria!”. Como terá vibrado toda a humanidade de Jesus para poder falar o nome de Maria com um tom, com uma inflexão, com uma intensidade, com uma familiaridade tais, que ela O reconheceu logo, quando, apenas um minuto antes, O tinha confundido com um jardineiro. “Maria!”. É como se toda a ternura do Mistério chegasse àquela mulher através da vibração da humanidade de Jesus ressuscitado, agora sem véus, mas nem por isso menos intensa, ao contrário, com toda a humanidade de Jesus ressuscitado vibrante por aquela mulher existir. “Maria!”. Então se percebe como foi que, naquele momento, ela compreendeu quem era. Ela pôde compreender quem era porque Ele fez vibrar toda a sua humanidade até fazê-la sentir uma tal intensidade, plenitude, superabundância que nunca antes teria conseguido imaginar, e que só podia alcançar na relação com Ele. Sem Ele nunca teria sabido quem era nem o que a vida podia ser e tornar-se, que intensidade de plenitude a vida podia alcançar.

O que é o cristianismo senão aquela presença vibrante pelo destino de uma mulher desconhecida, que a faz entender o que Ele trouxe, o que Ele é para a vida? Que tipo de novidade entrou na história através da modalidade com que Cristo o comunica! Jesus nos fez perceber o que é o cristianismo dizendo a uma mulher: “Maria!”. É esta comunicação do ser, de “mais ser”, de “mais Maria” que revela àquela mulher quem é Jesus. Não é uma teoria, ou um discurso, ou uma explicação, mas um acontecimento que tocou todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, entraram em relação com Ele, e que os Evangelhos, na sua simplicidade desarmante, comunicam da forma mais ingênua, mais simples que pode haver, simplesmente pronunciando o nome: “Maria!”, “Zaqueu!”, “Mateus!”, “Mulher, não chores!”. Que comunicação de Si se deve ter produzido neles para marcar tão intensamente a vida deles, a tal ponto que já não se podiam dirigir a nada, já não podiam olhar a realidade, olhar para si mesmos, a não ser revestidos daquela Presença, daquela voz, daquela intensidade com que o nome deles tinha sido pronunciado.

Percebe-se o choque que percorre todas as páginas do Evangelho perante uma experiência como essa. Nós, infelizmente, já nos acostumamos e deixamos de perceber, tantas vezes, o impacto; já é tudo óbvio, tudo sabido! Mas vemos que não é necessariamente assim quando um homem, como o Papa Francisco, nos testemunha o seu maravilhamento hoje: “A síntese melhor, aquela que me vem mais de dentro e que sinto mais verdadeira, é precisamente esta: ‘Sou um pecador para quem o Senhor olhou. [...] ‘Sou alguém que é olhado pelo Senhor’” (“Entrevista com o Papa Francisco”, por Antonio Spadaro, *La Civiltà Cattolica*, III/2013, p. 451).

Todo aquele acontecimento, aquela modalidade única de relacionar-se com o outro, de um “Eu”, Jesus, que entra em relação com um “tu”, Maria, fazendo-a tornar-se ela própria, aquele “Maria!” que perturba aquela mulher, a ardente paixão que a invadiu, vê-se na maneira como ela responde: “Rabúni! Mestre!”. E na sobriedade do Evangelho, São João comenta: “Ela voltou-se” ao ouvir o seu nome. A conversão é isso. Nada a ver com moralismo! A conversão é um reconhecimento: “Mestre!”. É a resposta >>>

“Maria!”. Como terá vibrado toda a humanidade de Jesus para poder falar o nome de Maria com um tom, com uma inflexão, com uma intensidade, com uma familiaridade tais, que ela O reconheceu logo, quando, apenas um minuto antes, O tinha confundido com um jardineiro



Crucifixão do Senhor
com São Longino e
São Domingos.

» ao amor de Alguém que, dizendo o nosso nome com uma intensidade afetiva nunca antes vista, nos faz descobrir que somos nós mesmos. Reconhecê-Lo é a resposta a essa paixão de Alguém por ela que reacende toda a capacidade de afeição daquela mulher, porque Alguém chamou-a pelo nome, até gerar aquela relação nova com as coisas que se chama “virgindade”: “Não me detenhas”, diz Jesus a Madalena, você não precisa fazer isso. Qualquer outra coisa é nada em comparação a um instante desta intensidade afetiva que Maria viveu com Jesus.

É sob a pressão dessa comoção que ela pode se dirigir a Jesus com aquela paixão com que diz: “Rabúni! Mestre!”. Com efeito, a resposta de Maria é toda ela fruto daquela modalidade com que se sentiu chamada pelo nome, surge toda daquela perturbação única que Jesus provocou nela. Nada a ver com moralismo! Nós nem sonharíamos com isso! Foi unicamente sob a pressão da comoção pela comunicação do ser através de Jesus que Maria não conseguiu evitar dizer “Mestre!” com toda a sua afeição.

O ACONTECIMENTO QUE TODO O HOMEM INCONSCIENTEMENTE ESPERA

Esta paixão ardente que aquela mulher sentiu dentro de si, que estava inicialmente na humanidade de Jesus toda vibrante de paixão por aquela mulher e que se fez carne para se comunicar através da Sua carne, através da Sua comoção, através do Seu olhar, através da Sua maneira de falar, através do Seu tom de voz, é essa a novidade que entrou na história e que hoje, como ontem, o homem, cada um de nós espera. “O homem de hoje”, dizia Dom Giussani no Sínodo sobre os leigos de 1987, “espera talvez inconscientemente

a experiência do encontro com pessoas para quem o acontecimento de Cristo é uma realidade tão presente que a vida delas mudou. É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa” (L. Giussani, *L'Avvenimento cristiano*, Milão, BUR, 2003, p. 24).

Foi este acontecimento que também nos investiu. Por meio da pessoa de Dom Giussani, este acontecimento, o eco do acontecimento inicial, alcançou-nos, por meio da sua humanidade e da sua vibração por Cristo, de que somos testemunhas, tanto é assim que muitos de nós não estaríamos aqui se não o tivéssemos tocado, se não tivéssemos sido arrebatados pela maneira como ele nos comunicou Cristo. Nós nos tornaremos mais conscientes daquilo que nos aconteceu no encontro com Dom Giussani lendo a sua biografia, que agora está à nossa disposição. Foi ele que fez chegar até nós, hoje, a vibração que atingiu Maria, a mesma de então, não “como” a de então, mas “aquela” de então, a mesma de então, aquele mesmo acontecimento que atingiu Maria. E cada um tem de olhar para a sua própria experiência, tem de recuar até à origem daquela sua primeira iniciativa para ver surgir, precisamente dali, o primeiro alvorecer, o primeiro desejo de pertencer a Cristo. Não existe outra fonte de pertença senão a experiência do cristianismo vivido como acontecimento agora. E bastou apenas isso para nos dar uma vontade louca de sermos “Seus”.

Como sempre, é Dom Giussani quem nos ajuda a tomarmos consciência do alcance de tudo o que nos aconteceu; na verdade, “o que é o cristianismo senão o acontecimento de um homem novo que, por natureza, se torna protagonista novo no cenário do mundo?” (*Idem*, p. 23), porque a questão fundamental é que aconteça esta criatura nova, esta nova criação, este nascimento novo.

INÍCIO DE UM CONHECIMENTO NOVO

Só se uma Presença tão forte assim invadir a nossa vida é que não teremos necessidade de pôr o cotovelo na frente dos olhos para nos defendermos dos golpes das circunstâncias e assim podermos viver. Contudo, nós, muitas vezes, somos feridos de tal maneira pelo embate das circunstâncias que se bloqueia o caminho do conhecimento, e então tudo se torna verdadeiramente sufocante, porque é como se víssemos

a realidade apenas pelo buraco da ferida. Como Maria, que via a realidade através do seu pranto e não via mais nada; nem sequer reconhece Jesus! Então aparece Ele, chama-a pelo nome, e recomeça a partida, permite que ela O reconheça, comece a ver a realidade de maneira diferente, porque a Sua presença é mais forte do que qualquer ferida e qualquer pranto, e então escancara novamente o nosso olhar para poder ver a realidade na sua verdade. “Foi olhado e então viu”, dizia Santo Agostinho sobre Zaqueu (Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4). Amigos, como seria diferente a vida se cada um de nós deixasse entrar aquele olhar, qualquer que seja a nossa ferida!

É por isso que Giussani insiste no fato de Jesus ter entrado na história para nos educar num conhecimento verdadeiro da realidade, porque nós pensamos já saber o que é a realidade, mas sem Ele o medo nos assalta, nos bloqueia e então sufocamos nas circunstâncias. Porém, com Jesus, tudo se reabre, é como se Ele nos dissesse: “Vejam, eu vim educá-los à verdadeira relação com a realidade, àquela atitude certa que lhes permite um olhar novo sobre a realidade.” Se nós não fizermos essa experiência, deixando entrar continuamente o Seu olhar, a Sua presença, viveremos a realidade como todos os outros. Só se Jesus entrar, tornando possível o conhecimento novo, é que poderemos introduzir no mundo uma maneira diferente de estar na realidade. Todas as circunstâncias nos são dadas para isto, para nos provocar a este conhecimento novo, para ver o que é Jesus: uma Presença que nos permite viver a realidade de um modo diferente, novo. E isso faz descobrir que todas as circunstâncias não são uma objeção, como muitas vezes nós as entendemos por não sermos capazes de ver a atração que existe nelas, por sermos tão definidos pela ferida; nós já reduzimos logo as circunstâncias porque pensamos já saber o que é a circunstância, pensamos já saber que não há nada de novo a descobrir dentro dela, que temos apenas que suportá-la e somente nos resta a tentativa moralista de ver se estamos à altura de suportar aquele sufocamento.

E, no entanto, só recontecendo uma Presença, como aquela que aconteceu a Madalena, é que o percurso do conhecimento não se bloqueia e o olhar se escancara, porque nós temos muito mais do que o “saber” as respostas para todas as objeções ou para todos os desafios, nós temos “a” resposta; mas a resposta não consiste, como nós pensamos, em ter um manual de instruções

para viver, porque o manual de instruções se fez carne, é uma Presença, é o Verbo, o conteúdo é uma presença, o conteúdo é um Tu, o Tu que alcançou Maria. É por isso que, se a verdade está desligada, privada dessa relação, não se compreende. Como escreveu o Papa Francisco a Eugenio Scalfari: “A verdade, segundo a fé cristã, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação!” (Francisco, “Carta a quem não crê”, *op. cit.*, p. 2). Como é para uma criança. A criança sabe que não sabe muitas coisas, mas uma coisa ela sabe: que existem o pai e a mãe que sabem as coisas, então qual é o problema? Se eu estou certo (é esse o valor da certeza de que Davide Prospero falava) dessa Presença que invade a vida, posso enfrentar qualquer circunstância, qualquer ferida, qualquer objeção, qualquer embate, qualquer ataque, porque tudo isso me escancara a esperar a modalidade com a qual o Mistério vai se tornar vivo para me sugerir a resposta – para me acompanhar a entrar até na escuridão –, que há de aparecer segundo um desígnio que não é o meu.

Que diferença na maneira de estar na realidade quando uma pessoa tem perguntas, quando uma pessoa tem questões em aberto, porque é, então, quando reza as Laudes ou quando faz silêncio, ou quando escuta um amigo, ou quando toma um café, ou lê o jornal, que a pessoa está toda propensa a descobrir, a interceptar qualquer migalha de verdade que possa vir ao seu encontro! Assim tudo se torna interessante porque, se eu não tivesse a pergunta, se eu não tivesse a ferida, se eu não tivesse uma abertura total, nem sequer poderia distingui-la, nem sequer me daria conta dela. Por isso o nosso é um “caminho humaníssimo”, não feito de alucinações ou de visões, mas como participação numa “aventura de conhecimento” que nos faz descobrir sempre mais a atração que existe dentro de todo limite, dentro de toda dificuldade, porque qualquer objeção ou qualquer circunstância, ainda que dolorosa, carrega em si sempre algo de verdadeiro, caso contrário não existiria.

O QUE ESTAMOS FAZENDO NO MUNDO?

É daqui, de uma experiência de vida assim, que podemos responder à pergunta: “O que estamos fazendo no mundo?”. Nós compreendemos cada vez melhor, não apesar das ►►

Jesus entrou na história para nos educar num conhecimento verdadeiro da realidade, porque nós pensamos já saber o que é a realidade, mas sem Ele o medo nos assalta, nos bloqueia e então sufocamos nas circunstâncias



Lamentação sobre o Cristo morto.

» circunstâncias, mas justamente atravessando as circunstâncias, qual é a nossa tarefa. Como sempre ocorreu na vida do Movimento, recordamos Dom Giussani, e agora podemos compreender muito melhor o que ele nos dizia em 1976, porque o ano de 1976 foi o resultado de ter atravessado momentos da vida do Movimento em que tinha vindo à luz o que significava o nosso estar no mundo; ele então dizia que existem duas possibilidades de estar presentes na realidade: como “presença reativa”, isto é, que resulta de uma reação nossa, ou como “presença original”, isto é, que nasce daquilo que nos aconteceu.

“Reativa significa determinada pelos passos daquilo que não somos nós: colocar-se [na realidade] com iniciativas, utilizar discursos, realizar instrumentos não originados como modalidade total pela nossa personalidade nova, mas sugeridos pelo uso de palavras, pela realização de instrumentos, pela modalidade de atitude e de comportamento dos adversários”. Como “ainda estamos jogando no terreno dos outros”, definidos pelos outros, então “uma presença reativa não pode deixar de cair em dois erros: ou se torna uma presença reacionária, agarrada às suas posições como ‘formas’, sem que os conteúdos [...] sejam tão claros que se tenham tornado vida [...]; ou então [é apenas uma] imitação dos outros”. Pelo contrário, “uma presença original [é] uma presença segundo a nossa originalidade” (L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza. 1975-1978*, Milão, Bur, 2006, p. 52, 65). Ou seja, presença é realizar a comunhão com Cristo e entre nós. Aquilo que Maria, Mateus, Zaquieu introduzem na realidade é uma posição definida por aquela comunhão com Ele que a Sua comoção produziu, e que lhes foi comunicada ao dizer os seus nomes. E quando isso acontece com cada

um de nós, a comunhão entre nós exprime-se como presença segundo a nossa originalidade.

UMA PRESENÇA ORIGINAL

“Uma presença é original quando brota da consciência da própria identidade e da afeição a ela, e nisso encontra a sua consistência” (*Idem*, p. 52), porque é isso que satisfaz verdadeiramente a vida, como Giussani sempre nos disse citando São Tomás: “A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação” (*Summa Theologiae*, IIa, IIae, q. 179, a. 1 co.). A consistência da vida é onde nós encontramos a maior satisfação.

Qual é, portanto, a nossa identidade? “*Identidade é saber quem somos e por que existimos*, com uma dignidade que nos dá o direito de esperar da nossa presença ‘um melhor’ para a nossa vida e para a vida do mundo.” E quem somos nós? “Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Pois quantos de vós recebestes o batismo de Cristo, fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Cf. *Gl* 3,26-28). Mas aquilo que ocorreu no Batismo, para nós se tornou histórica e conscientemente perceptível no encontro com o Movimento; só então compreendemos o alcance do que tinha acontecido, daquela luta que Cristo começou conosco no Batismo para nos conquistar, como *vir pugnator*. Nós tomamos consciência dessa luta quando, encontrando o Movimento, fomos conquistados por meio daquela modalidade com a qual foi dito o nosso nome. E então compreendemos o que São Paulo quer dizer quando escreve: “Quantos de vós recebestes o batismo de Cristo, fostes revestidos de Cristo” (Cf. *Gl* 3,27).

“Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (*Jo* 15,16). “É uma escolha objetiva que nunca arrancamos de nós, é uma penetração do nosso ser que não depende de nós e que não podemos nunca apagar [esta é a nossa identidade]. [...] Não existe nada – diz Dom Giussani – de culturalmente mais revolucionário do que essa concepção da pessoa, cujo significado, cuja consistência é uma unidade com Cristo, com Outro, e, através desta, uma unidade com todos os que Ele toma, com todos aqueles que o Pai Lhe entrega nas mãos” (L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza*, op. cit., pp. 53-54). É isto que nós temos de entender, porque, vemos isso na pequenez da nossa vida, essa concepção

da nossa pessoa – que só é esta porque há Alguém que repete o nosso nome, do contrário ainda estaríamos por aí chorando pelo fato de viver – não é uma abstração, é uma experiência mais do que uma concepção; e justamente daqui brota uma autoconsciência de nós que é como aquela nascida em Maria, que não conseguiu mais olhar para si mesma como antes, mas totalmente determinada por aquele “Maria!”.

“A nossa identidade é sermos identificados com Cristo. A identificação com Cristo é a dimensão constitutiva da nossa pessoa. Se Cristo define a minha personalidade, vocês, que foram arrebatados por Ele, entram necessariamente na dimensão da minha personalidade. [...] [Por isso] quer eu esteja sozinho no meu quarto, quer sejamos três reunidos para estudar na universidade, ou vinte no restaurante [...], em qualquer parte e de qualquer modo é essa a nossa identidade. Portanto, o problema é a autoconsciência, o conteúdo da consciência de nós mesmos: ‘Já não sou eu que vivo, és Tu que vives em mim’ [Por isso a nossa identidade se manifesta nesta autoconsciência nova]. Este é o verdadeiro *homem novo* no mundo – o homem novo que foi o sonho de Che Guevara e o pretexto enganador de revoluções culturais com as quais o poder tentou e tenta ter o povo na mão, para subjugar-lo conforme a sua própria ideologia –; e nasce primeiramente não como coerência, mas como *autoconsciência nova*.”

“A nossa identidade manifesta-se numa experiência nova dentro de nós [no modo de viver qualquer circunstância e qualquer desafio da realidade] e entre nós: a experiência da *afeição a Cristo e ao mistério da Igreja, que na nossa unidade tem a sua concretude mais aproximada*. A identidade é a experiência viva da afeição por Cristo e pela nossa unidade.”

“A palavra ‘afeição’ é a maior e mais abrangente de toda a nossa expressividade. Ela indica muito mais um ‘apego’ que nasce do juízo de valor – do reconhecimento daquilo que existe em nós e entre nós – do que uma facilidade sentimental, efêmera, frágil como folha à mercê do vento. E na fidelidade ao juízo, ou seja, na fidelidade à fé, com a idade, esse apego aumenta, fica mais dilatado, vibrante e forte.”

UM FATO DENTRO DO QUAL NAUFRAGAR

“Esta experiência viva de Cristo e da nossa unidade é o lugar da *esperança*, e portanto da fonte do *gosto* pela vida e do florescimento possível

da *alegria* – que não é forçada a esquecer ou a renegar nada para se afirmar –; e é o lugar da recuperação de uma *sede de mudança da própria vida*, do desejo que a própria vida seja coerente, mude por ação daquilo que ela é no fundo, seja mais digna da Realidade que tem *em si*.”

“Dentro da experiência de Cristo e da nossa unidade vive a paixão pela mudança da própria vida [não da justificação dos nossos erros!]. É o oposto do moralismo: não uma lei à qual adaptar-se, mas um amor ao qual aderir, uma presença a seguir cada vez mais com todo o nosso ser [minha nossa!], um fato no qual realmente naufragar [para sermos todos envolvidos por este amor sem fundo e sem limite: “um fato no qual realmente naufragar”]. [...] O desejo de mudança de si, pacato, equilibrado e ao mesmo tempo apaixonado, torna-se então uma realidade cotidiana [o desejo de ser Seus, de Lhe pertencer mais, de buscá-Lo continuamente] – sem sombra de pietismo ou de moralismo –, um amor à verdade do próprio ser [em busca da pessoa amada], um desejo belo e incômodo como uma sede” (*Idem*, p. 54-56).

Mas tudo isso deve amadurecer, porque estamos ainda confusos, continua Dom Giussani. Se este início pequeno, embrionário, não se tornar maduro, na primeira tempestade é arrastado. Nós nunca poderemos resistir “se aquele tom inicial não se torna maduro: não podemos mais carregar como cristãos a montanha enorme de trabalho, de responsabilidade e de fadigas a que somos chamados. De fato, não se coagulam as pessoas com iniciativas [não é isso que dá consistência]; aquilo que coagula é o tom verdadeiro de uma presença, que é dado pela Realidade que está entre nós e que temos ‘em nós’: Cristo e o Seu mistério que se tornam visíveis na nossa unidade”.

“Proseguindo no aprofundamento da ideia de presença – continua Dom Giussani –, é preciso então redefinir a nossa comunidade. A comunidade não é um coágulo de pessoas para realizar iniciativas [1976!], não é a tentativa de construir uma organização de partido [1976!]: *a comunidade é o lugar da efetiva construção da nossa pessoa*, ou seja, da maturidade da fé”. Cada um tem de decidir entre seguir Dom Giussani ou seguir as próprias ideias sobre o que Giussani diz.

“O objetivo da comunidade é *gerar adultos na fé*. É de adultos na fé que o mundo precisa, não de profissionais fantásticos ou de trabalhadores competentes, porque destes a sociedade está >>>

“Uma presença original quando brota da consciência da própria identidade e da afeição a ela, e nisso encontra a sua consistência. A consistência da vida é onde nós encontramos a maior satisfação”

» cheia, mas todos são profundamente contes-táveis na sua capacidade de criar humanidade”.

“O método com que a comunidade se converte em lugar de construção de maturidade da fé para a pessoa é [...]: ‘seguir’. [...] *Seguir* quer dizer identificar-se com pessoas que vivem com mais maturidade a fé, [atenção!] *envolver-se numa experiência viva*, que ‘passa’ (*tradição*, tradição) o seu dinamismo e o seu gosto para dentro de nós [é isto o naufragar numa experiência viva, num fato]. Este dinamismo e este gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não na conclusão de uma lógica, mas como que por pressão osmótica [vejam!]: é um coração novo que se comunica ao nosso, é o coração de um outro que começa a mover-se dentro da nossa vida [nada a ver com manual de instruções ou fazer apenas o que dizem os outros! Mas o coração de um Outro que começa a vibrar dentro do nosso coração].”

“Daqui surge a ideia fundamental da nossa pedagogia da *autoridade*: para nós são realmente pessoas com autoridade aquelas que nos envolvem com o seu coração, com o seu dinamismo e com o seu gosto, nascidos da fé. Mas *autoridade real é então a definição da amizade*.”

“A amizade verdadeira é a *companhia profunda ao nosso destino* [...] [por isso me vem sempre à cabeça a imagem, que nos é tão familiar, de Pedro e João, de olhos arregalados correndo para o sepulcro, juntos voltados para o destino. Cada qual pode fazer a comparação com o conceito habitual de amizade que vive. Juntos voltados para o destino. Não a ‘não amizade’, mas que amizade!]. E não é uma questão de temperamento [...]: a amizade verdadeira sente-se no coração da palavra e no gesto da presença” (*Idem*, p. 57-59). É necessário que tudo entre na vida assim, “a fé como ‘reagente’ sobre a vida concreta, de tal modo que somos levados a ver a identidade entre a fé e o humano que se tornou mais verdadeiro [podemos verificar

dessa forma que, vivendo a vida na fé do Filho de Deus que deu a Sua vida por nós, tudo se torna mais verdadeiro] – na fé o humano torna-se mais verdadeiro [e isso, ou é uma experiência nossa sempre mais verdadeira, que se verifica cada vez mais, ou podemos continuar a ‘permanecer’ no Movimento e o nosso coração estar desviado para outra parte, e não por maldade, mas simplesmente porque não consegue nos tomar].”

“Tudo isto tem de se tornar verdade em nós, e é para isso que o tempo nos é dado. A busca da verdade é a aventura pela qual o tempo se tornou história”, adquire o seu valor enquanto tempo. Caso contrário – diz – nós sucumbimos à “tentação da utopia”, ou seja, a colocar, a escorregar colocando “a nossa esperança e a nossa dignidade num ‘projeto’ gerado por nós” (*Idem*, p. 61-62).

AQUILO QUE SALVA O HOMEM

Neste ponto Dom Giussani faz a lista de todos os passos da história do Movimento e diz: “Nós não entramos na escola procurando formular um projeto alternativo para a escola [prestem atenção agora]. Entramos na escola *com a consciência de levar Aquilo que salva o homem também para a escola*”. E o mesmo podemos dizer de tudo. Depois fala de quando isso começou a ficar nublado em 1963 e em 1964 e depois em 1968. Mas vejam o que diz: o que foi que traíram aqueles que se foram embora, aqueles que não foram leais, fiéis àquele início original? O que foi que eles traíram? A presença. O que nós traímos? A presença, se nós não estivermos enraizados no início. Não a “não presença”, porque podemos encher a nossa vida de coisas, como eles a enchiam de iniciativas. O que haviam traído? O que nós traímos? A presença, não a ausência. “O projeto tinha substituído a presença” (*Idem*, p. 63-64). Agora nós entendemos isso bem. Nós vimos o que ganhamos favorecendo determinadas posições, mas só agora começamos a perceber o quanto perdemos, em termos de presença, de presença original, da nossa originalidade. Temos de decidir se nos tornamos uma facção ou uma presença original. Isto não quer dizer que, para ser de todos, é necessário não ser de ninguém. Pelo contrário. Para ser de todos é preciso ser de Alguém, porque só Ele pode nos dar aquela satisfação de que falava o Davide, que nos torna livres para sermos verdadeiramente nós mesmos, para sermos uma presença original e não reativa.

Que estamos fazendo no mundo? “*A novidade é a presença* – continua Dom Giussani – enquanto consciência de carregar ‘consigo’ algo de definitivo – um juízo definitivo sobre o mundo, a verdade do mundo e do humano –, que se exprime na nossa unidade. A novidade é a presença como consciência de que a nossa unidade é o instrumento para o renascimento e para a libertação do mundo” (*Idem*, p. 65). Não podemos substituir isso por quaisquer imagens ou projetos que tenhamos na cabeça. Como

Este dinamismo e este gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não na conclusão de uma lógica, mas como que por pressão osmótica: é um coração novo que se comunica ao nosso, é o coração de um outro que começa a mover-se dentro da nossa vida

escreveu o cardeal Scola na sua última Carta Pastoral: “Não se trata de um projeto, muito menos de um cálculo. Cheios de gratidão, os cristãos pretendem ‘restituir’ o dom que imerecidamente receberam e que, por isso, pede para ser comunicado com a mesma gratuidade” (A. Scola, *Carta Pastoral* “O campo é o mundo”, Milão, Centro Ambrosiano, 2013, p. 40).

Por que razão temos a tentação de substituir a fé por um projeto? Porque pensamos que a fé, a comunidade cristã como presença, não seja suficientemente incidente, não seja capaz de alterar a realidade e por isso acreditamos que devemos nós acrescentar alguma coisa, não como expressividade daquilo que nós somos – é inevitável que nos expressemos –, mas como acréscimo porque faltaria à fé alguma coisa para ser concreta, como se faltasse alguma coisa a Jesus e fosse necessário acrescentar algo além do testemunho de Si; pensaram assim todos aqueles que acreditavam que o cristianismo vivido na tradição não fosse suficiente para estarem presentes, e nós também pensamos que o Movimento às vezes não seja suficiente. Por isso, esta é uma oportunidade preciosa para aprofundar a questão: o que somos? O que estamos fazendo no mundo?

“A novidade – diz ainda Dom Giussani – é a presença deste acontecimento de afeição nova e de nova humanidade, é a presença deste início do mundo novo que nós somos. A novidade não é a vanguarda, mas o Resto de Israel, a unidade daqueles para os quais aquilo que aconteceu é tudo [não é um pedaço ao qual é preciso acrescentar algo mais; aquilo que aconteceu é tudo!] e que espera apenas a manifestação da promessa, a realização daquilo que está dentro do que aconteceu. A novidade não é, portanto, um futuro a perseguir, não é um projeto cultural, social e político: a novidade é a presença. [Que peso adquirem, agora, essas palavras! Vemos isso testemunhado todos os dias pelo Papa Francisco: não precisa de nada mais do que colocar-se, desarmado, diante de todos, porque] Ser presença não quer dizer não se expressar: também a presença é uma expressividade” [mas é uma coisa bem diferente] (*Dall’utopia alla presenza*, op. cit., p. 65-66).

A diferença reside na diversidade da expressividade.

“A utopia tem como modo de expressão o discurso, o projeto e a busca ansiosa de instrumentos e de formas de organização. A presença tem como modo de expressão uma amizade operante, gestos de uma subjetividade diferente que se



Santas mulheres no sepulcro.

coloca dentro de tudo, usando de tudo (os bancos da escola, o estudo, a tentativa de reforma da universidade etc.), e que resultam, antes de mais nada, em gestos de humanidade real, ou seja, de caridade. Não se constrói uma realidade nova com discursos ou projetos organizativos, mas vivendo gestos de humanidade nova no presente.” Cada um de nós, cada comunidade deve pensar nisto: como podemos colocar na realidade gestos de humanidade real, ou seja, de caridade? Não é, portanto, “a abolição de uma responsabilidade”, mas um modo diferente de conceber a responsabilidade. “Indiquei o que deve acontecer para que possamos trabalhar mais, incidir mais na realidade, e com uma letícia cada vez maior, não com um desânimo e uma amargura que nos dividem uns dos outros. A tarefa que nos espera é a expressão de uma presença consciente, capaz de criticismo e de sistematicidade. Tal tarefa implica um trabalho. O trabalho é o manifestar-se da nossa identidade dentro da materialidade do viver. A minha identidade, na medida em que penetra a materialidade do viver, ou seja, na medida em que está dentro da condição existencial, trabalha e me faz reagir” (*Idem*, p. 66, 69).

Todas essas coisas Dom Giussani nos dizia em 1976, mas, nos anos Noventa, ele insiste de novo, e consegue radicalizar ainda mais a questão: “Desde a *Equipe* de 1976, cujo título era *Da utopia à presença*, foi feito um caminho que nos leva agora a apurar e depurar a palavra presença: é preciso apurá-la e depurá-la [...] porque a presença está na pessoa, única e exclusivamente na pessoa, em ti [ou seja, na criatura nova]. A presença é um assunto que coincide com o teu eu. A presença nasce e consiste na pessoa. [...] E aquilo que define a pessoa como ator e protagonista de uma presença é a clareza da fé [isso se vê bem no Papa Francisco], é aquela clareza da consciência que se chama fé, aquela clareza da consciência >>>

» que naturalmente se chama inteligência, porque a fé é o aspecto último da inteligência, é a inteligência que alcança o seu horizonte último, que identifica o seu destino, identifica aquilo em que tudo consiste, identifica a verdade das coisas, identifica onde está o justo e o bem, identifica a grande presença, aquela grande presença que permite a manipulação transfiguradora das coisas, graças à qual as coisas se tornam belas, as coisas se tornam justas, as coisas se tornam boas e tudo se organiza na paz. A presença é toda ela consistente na pessoa, nasce e consiste na pessoa e a pessoa é inteligência da realidade até tocar o horizonte último” (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*, Bur, Milano 2013, pp. 142-143).

É por isso que as duas perguntas – “Como se faz para viver?” e “O que estamos fazendo no mundo?” – caminham juntas. O fator que as une é a pessoa, porque podemos nos iludir enchendo a vida de iniciativas para evitar nos convertermos a Ele. Mas é tão diferente quando as iniciativas são expressão desta conversão, do nosso pertencer a Ele. Como nos recorda Dom Giussani, “a presença de Cristo, na normalidade do viver, implica cada vez mais o pulsar do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana e ilumina, entenece, embeleza, adoça o andamento da vida quotidiana, cada vez mais. Não há nada de inútil, não há nada de alheio, porque não há nada alheio ao seu destino e, portanto, não há nada a que não possamos nos afeiçoar [não: suportar, mas: “afeiçoar”!], por tudo nos afeiçoamos, nasce uma afeição por tudo, tudo, com as suas consequências magníficas de respeito pela coisa que você faz, de precisão na coisa que você faz, de lealdade para com a sua obra concreta, de obstinação em perseguir o seu objetivo; você se torna mais incansável” (*Idem*, p. 103-104, VII). Como diz uma passagem do profeta Isaías: “Até os jovens se fatigam e cansam, e os adultos também tropeçam e caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, criam asas, como

águias, correm e não se fatigam, podem andar que não se cansam” (*Is* 40,30-31)

UMA LETÍCIA GERADORA

Quando isso penetra até o fundo do nosso ser, enche a vida de letícia. E este é o mais importante indicador que Dom Giussani nos deixa. Quantas pessoas conhecemos realmente felizes? Porque sem letícia não existe geração, não existe presença. É a letícia que liga as duas perguntas, “como se faz para viver?” e “o que estamos fazendo no mundo?”, porque sem uma resposta para a primeira, também não há resposta para a segunda; e, portanto, não existe letícia. Dom Giussani insiste que a condição para gerar é a letícia: “A letícia é o reflexo da certeza da felicidade, do Eterno, e é formada de certeza e de vontade de caminho [uma certeza que nos coloca a caminho], de consciência do caminho que está se realizando [...]. ‘Com esta letícia é possível olhar tudo com simpatia’ [com letícia, com esta letícia é possível gerar as coisas de uma forma diferente] [...], porque olhar com simpatia para alguém que é antipático é gerar uma coisa nova no mundo, é gerar um acontecimento novo. A letícia é a condição para a geração, a alegria é a condição para



A Ressurreição de Jesus Cristo.

a fecundidade. Ser alegres é condição indispensável para gerar um mundo diferente, uma humanidade diferente. E nesse sentido temos uma figura que devia ser de consolo para nós ou de consoladora segurança, que é Madre Teresa de Calcutá. [...] A sua letícia é geradora, fecunda: não move um dedo sem que mude alguma coisa. E a sua letícia não são as maçãs do rosto contraindo-se num sorriso forçado, artificial, não, não, não! Toda ela é profundamente atravessada pela tristeza das coisas, como o rosto de Cristo [...]. [Mas] sendo a tristeza condição passageira [é] condição para o caminho [...] [portanto] nem mesmo o nosso mal pode tirar [de nós] a letícia; [...] a letícia é como a flor do cacto, que na planta cheia de espinhos gera uma coisa bela” (*Idem*, p. 240-241).

